

# SITUAÇÃO DOS CEREAIS

Eng. Agr. Persio C. Junqueira

## ARROZ

A evolução das cotações do arroz nos últimos cinco meses sofreu influência de alguns fatores que determinaram situações diversas daquela que se poderia esperar e prever.

Assim, pela observação do quadro I, nota-se que no interior, de fevereiro a março, houve uma queda normal nos preços, ou seja, de 27 cruzeiros por saca, prenúncio da entra-

da do produto novo. De março a maio, época das primeiras vendas no mercado da safra nova, os preços elevaram-se em cerca de 63 cruzeiros por saca, situação essa raramente observada na evolução das cotações do arroz nos últimos anos. A tendência normal observada anualmente é uma queda nos preços dos produtos da nova safra até a época do plantio, quando esses se recuperavam.

**QUADRO I**  
**Cotações Médias Mensais do Arroz em São Paulo**  
**Capital e Interior (Cruzeiros por saca de 60 quilos)**

Anos	Meses	No interior (a)		Na Capital (b)		
		Preços médios recebidos pelos lavradores	Amarelão Especial	Agulha Especial	Blue Rose Superior	Cateto ou japonês especial
1960	Junho	816	1 592	1 456	1 304	1 301
1961	Fevereiro	916	1 790	1 595	1 392	1 530
"	Março	889	1 804	1 592	1 304	1 482
"	Abril	942	1 856	1 678	1 480	1 738
"	Maio	952	1 944	1 672	1 464	1 707
"	Junho	931	1 876	1 613	1 415	1 764

Fonte: a) Divisão de Economia Rural.  
b) Bolsa de Cereais de São Paulo.

A explicação desse fato deve-se principalmente a dois fatores. Inicialmente porque a fixação dos novos preços mínimos pelo Governo Federal estabelecendo um efeito retroativo sobre os remanescentes da safra 1959/60, provocou uma reação nos preços do produto. Posteriormente, a instrução 204 da SUMOC influiu de duas maneiras antagônicas na evolução das cotações dos cereais. Em uma primeira fase, concorreu para firmar os preços, como consequência do efeito das grandes modificações cambiais que encareceram o preço da gasolina, aumentando o custo dos transportes; numa segunda fase, concorreu para a baixa das cotações (em junho), já que as letras de importação e exportação criadas pela instrução 204 absorveram todos os recursos financeiros, criando uma grande escassez de numerário e uma paralização geral dos negócios dos comerciantes e maquinistas de cereais.

Na capital, as cotações dos vários tipos de arroz mais consumidos, sofreram alterações pouco diferentes. Assim, os tipos agulha e blue-rose tiveram suas cotações aumentadas na época da decretação dos

preços mínimos, para a safra 61/62 (março a abril) em 86 e 176 cruzeiros por saca, respectivamente.

Mais tarde, com a entrada do produto novo na praça, baixaram cada um dos tipos, 65 cruzeiros por saca, respectivamente, de abril a junho. Outro fator que forçou essa baixa, foi o grande volume dos tipos de grãos médios colocado no mercado. Calcula-se nos meios cerealistas que a participação desses tipos aproxima-se a 60% do total da safra.

O amarelão, sendo um produto de melhor qualidade, teve, seus preços mais firmes; de fevereiro a maio, as cotações subiram em 154 cruzeiros por saca e em junho, como aconteceu com os outros tipos, perdeu cerca de 68 cruzeiros por saca. O cateto, produto gaúcho de grãos curtos ganhou nos últimos cinco meses cerca de 234 cruzeiros por saca, sendo o único que não sofreu queda de preços em junho. Deve-se isso à sua condição de tipo não produzido em nosso Estado, bem como ao seu consumo reduzido, embora constante, quase que obrigando os consumidores a pagar os preços mais altos, cotados no Rio Grande do Sul.

### **Perspectivas Futuras - Possível Estabilização nos Preços**

Não ocorrendo influências imprevistas durante os próxi-

mos meses, pode-se esperar que os preços tenham uma evolu-

ção normal, com tendência para a estabilização. O consumo deverá estar garantido com a boa safra deste ano que gira, de acordo com a 3.<sup>a</sup> estimativa da safra 1961/62, elaborada pela Divisão de Economia Rural, em torno de 13,2 milhões de sacas, e também com as importações normais de regiões circunvizinhas de outros Estados como o Triângulo Mineiro e sul de Goiás.

O Rio Grande do Sul, perdeu, praticamente, sua posição de principal Estado exportador

de arroz para São Paulo, fruto da política que vem sendo mantida nos últimos anos, pelo IRGA. Este órgão determinou que os preços de aquisição para 1961, para os tipos especiais, são: cateto (grão curto) 1745, blue rose (grão médio) 1925 e agulha (grão longo) 2020 cruzeiros por saca beneficiada. Levando-se em conta que só o frete marítimo cobrado de Porto Alegre a Santos é cerca de Cr\$ 2,40 por quilo, deduz-se que é praticamente impossível a colocação do arroz em São Paulo.

## FEIJÃO

As safras abundantes ocorridas nos anos de 1959/60 e 1960/61 concorreram para que o consumo de feijão fosse atendido normalmente, não havendo falta do produto no mercado, como ocorreu em meados do ano de 1959.

O quadro II mostra a produção nos três últimos anos. Pode-se observar que depois de pequena produção da safra de 1958/59, as duas outras já foram bem melhores, se bem que em 1960/61 tenha se colhido pouco menos que 1959/60.

### QUADRO II

Produção de Feijão no Estado de São Paulo  
1 000 sacas

Anos	Safra das Águas	Safra da Sêca	Total
1958/59 .....	900	1 040	1 940
1959/60 .....	1 360	1 900	3 260
1960/61 .....	1 080	1 240	2 320

Fonte: Divisão de Economia Rural.

Observando-se a evolução dos preços médios recebidos pelos lavradores (Quadro III) durante os anos de 59, 60 e 61,

nota-se que a escassez do produto, citada acima, provocou a grande alta de preços do 2.<sup>o</sup> semestre do ano de 1959. Em

decorrência, houve maiores plantios e as safras de 1960 e 1961 foram volumosas, possi-

bilitando estabilização dos preços em níveis menos aviltantes.

### QUADRO III

**Preços Médios Recebidos pelos Lavradores de Feijão no Estado de São Paulo**  
Cruzeiro por saca de 60 quilos

Meses	1959	1960	1961
Janeiro .....	790	2 550	1 430
Fevereiro .....	1 090	2 530	1 250
Março .....	1 120	1 940	1 190
Abril .....	1 210	2 130	1 220
Maió .....	1 350	1 870	1 410
Junho .....	1 590	1 420	1 250
Julho .....	1 750	1 390	—
Agosto .....	2 130	1 420	—
Setembro .....	2 540	1 180	—
Outubro .....	3 340	1 500	—
Novembro .....	3 340	1 430	—
Dezembro .....	2 380	1 450	—

Fonte: Divisão de Economia Rural.

Comparando-se mês a mês, observa-se que em 1961, as cotações sempre foram mais baixas que no ano anterior, corroborando a afirmação de que está havendo um suprimento

mais normal do produto no Estado. Na Capital, a situação é semelhante. De modo geral, os preços de junho deste ano, são inferiores ao do mesmo mês no ano passado (Quadro IV).

### QUADRO IV

**Cotações Médias Mensais do Feijão no Estado de São Paulo**  
Cruzeiro por saca de 60 quilos

Anos	Meses	N A C A P I T A L		
		Chumbinho Especial	Roxinho Especial	Rosinha Especial
1960	Junho .....	1 497	1 879	1 800
1961	Fevereiro .....	1 272	1 971	—
	Março .....	1 104	1 793	—
	Abril .....	1 521	1 782	—
	Maió .....	1 480	1 869	1 500
	Junho .....	1 318	1 847	1 100 (safra das águas)

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo.

Nota-se na cotação da Bolsa de Cereais de São Paulo para o feijão, uma baixa significativa de fevereiro a março de 1961. Tal fato se deu quando na praça da Capital ocorreu a presença do produto de três safras, isto é, o feijão novo (da seca) algo prejudicado em sua qualidade pela umidade decorrente das chuvas durante aquela época, o feijão das águas do início do ano e ainda o produto oriundo da grande safra produzida durante o período da seca em 1960. Esse grande volume de feijão, forçou a bai-

xa no geral para todos os tipos.

De abril a junho, observou-se com o feijão o mesmo ocorrido com o arroz, isto é alta até maio, provocada pela decretação dos novos preços mínimos e baixa geral em junho, após a paralização dos negócios com a falta de numerário, em virtude do encaminhamento dos recursos financeiros para as letras de importação e exportação.

Não se vê motivo, no momento, para uma oscilação mais acentuada nos preços, acreditando-se que se mantenham estáveis ao redor dos valores atuais.

## MILHO

Após a fixação dos novos preços mínimos para as safras 1961/62, os lavradores relutaram em vender seu milho a preços mais baixos. Essa resistência é bem observada nas cotações médias recebidas pelos lavradores (Quadro V), pois de março a abril houve alta de 51 cruzeiros por saca. Alia-se a esse fato, o de que a colheita de milho é das últimas a ser feita, provocando a entrada do produto mais tarde (fim de abril, começo de maio) e

assim mantendo o mercado firme.

Até maio, na Capital, os preços estiveram em alta, como conseqüência dos vários fatores já apontados: fixação de preços mínimos, das elevações de frete e da maior procura do milho velho pelas grandes firmas industriais, (o milho velho tem menor grau de umidade). A queda ocorrida em junho é função da mesma situação de falta de numerário, comentada anteriormente quando se tratava do arroz.

## QUADRO V

### Cotações Médias Mensais do Milho no Estado de São Paulo Cruzeiros por saca de 60 quilos

Anos	Meses	Na Capital (b)			
		No Interior (a) Preços Médios recebidos pelos Lavradores	Grupo Duro Amarelinho	Grupo Misto Amarelo	Grupo Mole Amarelo
1960	Junho .....	340	430	406	—
1961	Fevereiro ...	442	550	527	509
	Março .....	444	561	547	518
	Abril .....	482	—	608	595
	Maió .....	495	—	639	—
	Junho .....	483	—	580 (disp)	570

Fonte: a) Divisão de Economia Rural.  
b) Bolsa de Cereais de São Paulo.

Fato digno de comentário é a ausência de cotação para os milhos do grupo duro. De-

ve-se isso à mínima quantidade desse produto existente no mercado.

### Perspectiva Futuras

Espera-se que os preços tenham uma evolução normal no decorrer da próxima entre-safra, pois o consumo do Estado está praticamente garantido com a produção deste ano.

A 3.<sup>a</sup> estimativa da Secção de Previsão de Safras da Divisão de Economia Rural, dá para o milho uma produção de 29,4 milhões de sacas, colheita essa que é das maiores nos últimos anos.

Notícias do Paraná, dizem que também naquele Estado a colheita será boa. Não deverá temer-se por um abarrotamento no mercado da Capital de São Paulo, porque, além daquele Estado estar remetendo grandes partidas de milho para o Rio Grande do Sul, São Paulo tem aumentado bastante o consumo interno, com a maior utilização do produto na fabricação de rações, engorda de porcos, avicultura etc.